

REVISTA
DE
Arte e critica

SERIE 1.^a

Fasciculo n.º 2

AVE-AZUL

DIRECTORES:

Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos

VIZEU, 15 DE FEVEREIRO DE 1899

CRONICA



reio que foi Herculano que disse: — O Garrett, ainda posto a tormentos, nunca seria capaz de escrever ou assignar uma só phrase sem a mais perfeita correcção. E realmente assim era: tão meticoloso no estylo, como na *toilette* que elle chamou, num dos seus finos humorismos, a primeira das bellas artes...

E todavia, que desordem apparente naquella harmonia: naquelle esmero que bem estudado desleixo! Porque em Garrett o que sobretudo prende, o que mais que tudo attrahe e deleita é a naturalidade com que elle diz tudo o que quer e a graça que elle põe em tudo o que diz. Mas quanta arte naquella naturalidade e naquella graça quanto genio! Nelle, como em nenhum outro, a graça foi a expressão da Belleza: a propria Belleza mesmo, palpitante e viva; não morta e parada, como nol'a dera a Antiguidade. Ainda, como quasi sempre, senão sempre, um espelho da vida a linguagem: tão agi-

tada esta como aquella: e, ao cabo, tão bella uma como a outra. Porque foi na verdade uma bella vida a de Garret, toda, sem a mais pequena reserva, devotada á implantação da Liberdade a dentro dos muros da Patria, como soldado, como romancista, como orador, como poeta, como dramaturgo e como estadista.

Porque Garrett foi tudo isto e em tudo isto o primeiro: e, mais ainda, em tudo isto foi — o mais seguro direito ás homenagens da posteridade d'ahi lhe vem — o Educador da Alma-Nacional.

Vencidos os soldados do Velho-Regimen, era toda uma Bastilha de preconceitos a derruir. E a derrocada fez-se; e quem mais e melhor a fez foi Garrett. A tiros de peça? — não: pelo processo d'aquelle imperador romano... Como se chamava elle? tambem o nome não importa; o que importa é o processo: — sob um diluvio de rosas.

Soldado da Liberdade, sim; mas sobretudo, e mais ainda do que Herculano, poeta da liberdade. D'ella, como da Patria dizia Camões, assim podia tambem dizer Garrett:

*Para servir-a braço ás armas feito,
Para cantal-a mente ás musas dada.*

E com razão: porque, se a Liberdade lhe deveu muito, á Liberdade deveu elle tudo: tudo quer dizer: a Gloria. Porque, a par da Gloria, que vale o mais, com ser tanto?...

E' ver a sua obra em face da sua vida.

Os primeiros versos onde a alma d'um verdadeiro poeta vibra são aquelles quatorze versos do soneto em que explodiu sangrenta a indignação que lhe provocara o nefando attentado de Beresford — aquella tragedia arripiante do Campo de Santa Anna, em 1817.

Depois deu-se a Hegyra: opera-se no desterro a transfiguração: o arcade faz-se romantico; o metrificador faz-se poeta; João-Minimo faz-se João-Maximo; Jonio Duriense chama-se agora Almeida Garrett. O auctor do *Retrato de Venus* é agora o auctor do *Camões* e da *D. Branca*.

O segundo desterro foi como, depois das aguas do Baptismo, os oleos do Chrisma . . .

Quando volta, em 1832, é para combater pela liberdade nas linhas do Porto e é para escrever pela Liberdade o *Arco de Sant'Anna*, ao mesmo tempo.

Vem depois a criação do Theatro nacional, iniciada com *Um Auto de Gil Vicente*: e é ainda a Liberdade, e a liberdade mais sagrada — a da Patria — que lhe inspira os dramas *Filippa de Vilhena* e *Alfageme de Santarem*: 1640 e 1385: e no proprio *Frei Luiz de Sousa*, a sua obra de genio, a sua suprema obra, não será ainda a Liberdade que flameja e que protesta — oh! e eloquentemente, pois não é verdade? — nas linguas de fogo do incendio que Manuel de Sousa ateia no seu palacio de Almada? . .

A obra do Orador põe um digno coronnal na obra do Dramaturgo: raras vezes a Nação encontrou tribuno que mais desassombradamente lhe advogasse os direitos contra as cegeiras e desmandos do Paço.

Estava terminada a campanha: estava alcançado o triumpho. E sob o peso das honras e das graças — visconde, par e ministro — estoira-lhe o coração num soluço; o soluço rythma-se em versos: os versos cantam e choram por todo um livro: e esse livro são as *Folhas Cahidas* . . .

A Liberdade é a mãe do Amor: — poeta do Amor: poeta da Liberdade ainda.

E tinha cincoenta annos o homem que sentiu aquella paixão, o poeta que escreveu aquelles versos!

E' bem verdade que se é moço emquanto se sonha, como é bem verdade tambem que se sonha emquanto se ama . . .

Casou o Amor com a Mocidade e houve uma filha—a Poesia.

CARLOS DE LEMOS

SALLA DE VISITAS

De EUGENIO DE CASTRO:

EPGRAMMA



A' cyprina Laïs, alva como os goelanos,
A' Laïs que possui compridas tranças pretas,
P'lo meu escravo mandei, no dia dos seus annos,
Um cacho moscatel n'um cabaz de violetas.
Os amantes que dão ás suas namoradas
Fulgurantes anneis de riqueza estupenda,
Luminosos rocaes e pulseiras iriadas,
Hão-de rir-se, bem sei, da minha pobre off'renda.
'Stive p'ra lhe off'recer um precioso collar,
Ou um annel com mais luz do que o incendio de Troia,
Mas reconsiderarei, de subito, ao pensar
Que ainda ninguem viu dar joias a uma joia.

(1896)



De MANOEL DA SILVA GAYO:

Canção dos tristes amores



Salgueiros do salgueiral
 Por toda a noite espalharam
 Vozes de agoiro mortal:

— «Não vos vades vós, Senhor,
 Por longe tão confiado,
 Pois onde deixaes amor
 Vireis achar só cuidado.»

Puros labios de coral
 Por toda a noite rogaram
 A seu amante real:

— «Não partas, Pedro — é de morte
 O agoiro d'aquelles ais,
 Que véem das bandas do norte,
 Da rama dos sinceiraes.»

Coração forte e leal,
 Que os rogos não abalaram
 Respondeu, para seu mal:

— «Agoiros dos arvoredos
São rabanadas do vento ;
Só, Inez, no pensamento
Da fraca gente erguem medos.»

Salgueiros do salgueiral
Pela abalada soltaram
Vozes d'agoiro mortal :

— «Peitos são fontes d'amor,
Que devem ter-se guardadas.
Tornae-vos atraz, Senhor,
Andam com sêde as espadas.»

Lindos labios de coral
Pela abalada rogaram
A seu amante real :

— «Não partas ; a minha sorte
Agoiram-na aquelles ais,
Que vêm das bandas do norte,
Da rama dos sinceiraes.»

Coração forte e leal,
Que os rogos não abalaram,
Repetiu, para seu mal :

— «Agoiros dos arvoredos
São rabanadas de vento ;
Só, Inez, no pensamento
Da fraca gente erguem medos.»

Salgueiros do salgueiral
Inda de longe agoiraram
Dias de mágua mortal :

— «Dizem, Senhor, os agoiros
Que haveis de chorar em vão ;
Que finos cabellos loiros
De sangue se tingirão.»

Salgueiros do salgueiral
Crua verdade agoiraram
A quem partiu, por seu mal.

Salgueiros ouviram ais
De brancos seios varados.
Salgueiros dos Salgueiraes
Inda, de dôr, soltam brados.

Do livro *Mondego*, a sair.

Coimbra, 16 de Janeiro de 1899.



De CARLOS DE MESQUITA:

*Il fait un de ces temps ainsi que je les aime,
Ni brume, ni soleil.*

PAUL VERLAINE



O ceu de perola velado,
O ar immovel. Mas, olhae-o,
Não de terror paralyzado,
Mas desmaiado, e extasiado
Na suavidade do seu desmaio.

Em mysteriosa nostalgia
Voluptuosa a manhã nada...
Oh! a ineffavel lethargia,
A celeste melancholia
Da luz por perolas coada!

Reveste os longes a neblina
D'um veu diaphano de opala.
Manhã dormente, manhã divina...
Numa monotona surdina
A voz do mar embala... embala...

Argentinas as horas sôam,
E, numa tremula vibrancia,
Lentas, saudosas, abençoam
Estas horas que mansas vôam
Para os nevoeiros da distancia...

E, com doçuras de alaude,
 Diz esta voz que se extasia :
 «Nada desperte, nada mude...
 «Que mais celeste beatitude,
 «Que esta celeste melancolia ?



De AFFONSO LOPES-VIEIRA :

O meu Epitaphio



Lembrar é doce, mas dóe...
 Que vos lembre esta cruz preta
 Alguem que na vida foi
 Bom portuguez e mau poeta.

Amou e foi desamado,
 Nunca na Vida deu nada ;
 Foi leal, e atraídoado,
 E amou sua Patria amada.

E elle pede ás raparigas
 Que por aqui vão com Deus,
 Que cantem suas cantigas
 E que lhe digam *adeus*...

A SOMBRA



... e amastel-o?...

Ella poisou-lhe a cabeça no hombro, acariciando-lhe os cabellos com os dedos afilados, muito tremulos.

Um silencio pesou segundos sobre os dois, muito palidos ambos.

—Mas dize lá! — insistiu — dize lá sempre! amastel-o: não é verdade?

—Amei... ,

E, como o sentisse vibrar todo numa dor funda como de estilete que lhe varasse o coração de lado a lado, atalhou num grito, cingindo-lhe o pescoço contra o seio anciado:

—Oh! não lhe vás dar tu mais importancia do que eu lhe dou, do que eu lhe dei! um amor de creança!... Amei: disse eu. Sabia eu lá o que era amor, então? Tinha quinze annos... Amor d'imaginação; mais nada. Acredita: foi uma creancice; uma creancice apenas. Elle era bom; era meigo: tinhamos vivido sempre juntos: fora o meu companheiro de brinquedos; depois, quando vinha do collegio, nas ferias, era comigo que elle mais gostava de conversar sempre; fallava-me dos seus livros, dos seus passeios, dos seus passatempos, dos seus amigos: livros que lera, dramas a que assistira, partidas, jogos, anedotas, tudo; e tudo com uma graça, um enthusiasmo e uma leviandade adoraveis. O pobre Pedro! Se elle era tão meu amigo!... E foi assim... Depois, quando elle uma vez me disse que me amava: se queria ser sua esposa... — coi-

tado! estava tão palido, tão tremulo, os olhos em braza, e a mão d'elle apertava tanto a minha, que eu... Que lhe havia eu de dizer? que resposta lhe havia eu de dar? Eu sabia lá o que dizia? eu sabia lá o que elle queria? disse-lhe que sim! Creanças ambos! pois não eramos?... O pobre Pedro! Pouco viveu depois d'isso! veio o typho e morreu! Tive bem pena d'elle, isso tive! muita pena! nem admira! tinhamos vivido sempre ambos, sempre amigos: eramos como dois irmãos! Mas amava-o eu? amava-me elle? sabiamos lá nós o que era amor, naquella idade?! desoito annos... tinha desoito annos, e eu quinze: ainda os não fizera... vês tu? umas creanças, pois não achas?...

E sentindo-o surdo a todas as suas palavras, a toda aquella febre de rasões prolixas e confusas, immovel sempre, o rosto cahido e as mãos, que ella tomara entre as suas, frias, muito frias, ergueu-lhe a cabeça num gesto de creança cheia de mimo e buscando-lhe os olhos, como para ler nelles o que lhe ia lá dentro, disse-lhe, poisando-lhe nos labios seccos um beijo apaixonado:

—Em que pensas tu? dize: em que pensas?...

—... Amastel-o!

E foi ella d'esta vez que sentiu no peito como um golpe de massa que a suffocou de subito... Retirou as mãos; recuou o corpo; contrahiu-se toda...

E ambos, de cabeça cahida, immoveis, como se um raio os assombrara, ficaram assim, mudos ambos, como se nada mais tivessem que se dizer, como se nada mais pudessem dizer-se d'oravante um ao outro, muito tempo, muito tempo, naquella cahir de tarde, moroso e triste, como um veo de viuvez que lentamente fosse cobrindo a face da terra.

*
* * *

No ceo azul-escuro sem uma nuvem, tinham accordado ha muito as estrellas, descerrando, ainda num sonho, as palpebras todas tremulas numa palpação de susto, estremunhadas.

Ramalhavam as folhas das arvores que cercavam o parque, como a contarem-se umas ás outras historias de medos, coisas tristes e impossiveis, que só se dizem em voz sumida, d'estarrecer. Detraz do muro, na poça, coachavam as rans, soltando de quando em quando gritos d'álerta que cortavam o ar, no silencio cheio de vozes mysteriosas d'aquella noite palida, sem lua. Sombras, como d'almas em pena, passavam num calefrio por sobre as flores de petalas cerradas, a buscarem talvez uma campa onde afinal dormissem, onde se escondessem afinal. Havia no ceo uma lividez angustiosa e na terra uma anciedade parada, como se uma catastrophe, ignorada mas presentida, estivesse para cahir do ceo como um anathema ou para erguer-se da terra como um protesto. Era uma noite serena, uma noite calada, uma noite sybillina — uma noite de metter medo... Que as noites mais de fazer tremer não são aquellas em que o ceo é negro, e é negra a terra e os trovões ribombam surdos e lividos fusilam os relampagos e os ventos pelo espaço soltam uivos como de feras que andassem correndo famintas á busca d'uma victima... Oh! as noites mysteriosas, as noites sem um cicío, sem um movimento, sem um clarão, as noites silenciosas em que nós fallamos comnosco e, contrahidos de assombro, ouvimos Deus, as noites paralygadas, estagnadas, mortas, essas, sim; são essas as que fazem tremer os mais fortes, as noites de ceu sem luz e terra sem voz, como se terra e ceo, cheios de panico, soprassem o pavor gelado d'infinito das profundezas do mysterio, extasiados.

Um sino, a distancia, bateu horas lugubre.

Luiza accordara num repellão de mêdo. Uma aza de neve roçara-lhe a face num beijo de morte...

E de pé, na sombra, hesitante, uma tremura na voz:

—Tenho frio. Vamos para cima, Alberto?

—Han?...

E voltando os olhos vagos para o ponto d'onde ella lhe fallava, numa voz como de longe, vencida:

—Não; vae tu indo... Eu fico.

—Mas...

—Vae!

E repeso d'aquelle monossyllabo, assim frio, assim cortante como a ponta d'um bisturi, proseguiu logo :

—Tem paciencia. Fico mais um pouco. Faz-me bem o fresco da noite. Mas vae tu indo, vae. E... olha: se eu me demorar demais, não esperes por mim; deita-te. Tem paciencia; vae.

E o monossyllabo, agora, numa voz humilde, quasi numa supplica, era mais um soluço do que uma palavra.

Luiza fez um movimento como para lhe cingir o pescoço num abraço; mas elle tinha já deixado cahir a cabeça para o chão, longe d'ella, longe de tudo, como se o tentara o abysmo que a imaginação, num desvario, lhe abrisse aos pés...

E Luiza, lentamente, lentamente, como somnambula, foi subindo as escadas sem olhar para traz, alheia também...

*

* *

—Podem cear e deitar-se.

E de luz na mão, encaminhando-se para o quarto, ia monologando :

—Sempre fui bem tola! sim; porque a tola afinal fui eu! não sabia eu como elle é?... Não sabia eu o valor que elle dá ás vezes ás mais insignificantes bagatellas?... d'aquelle vez, no baile... só porque o Luiz de Mello se sentou ao meu lado uns momentos... o que elle fez?! o que elle soffreu?! o que nós ambos soffremos?! O pobre Alberto! o que elle soffre agora, por causa d'aquelle creanceice! o que elle soffre?!... o que nós soffremos! pois não estou eu soffrendo também?!... e porquê?! porquê, meu Deus?! Haverá loucura maior?! por amor d'uma creança! por uma creanceice! por ciumes d'uma creança... e d'uma creança que morreu!... Por causa do Pedro! do pobre e querido Pedro!...

Entrara no quarto: e, de luz na mão ainda, andava d'um

lado para o outro, agitada, torturada, toda absorvida no seu soliloquio...

—Por causa do Pedro!...

O retrato do Pedro, numa etagére, todo radiante no seu uniforme do collegio do Espirito-Santo, feriu-lhe de subito os olhos errabundos ..

—Por tua causa!...

E rapido, poisando a luz, atirou-se ao retrato, como uma hiena e, num frenezim, doida, pisou-o aos pés.

—Por tua causa, maldito! por tua causa!...

E para logo, um suor frio na testa, os olhos esgazeados, convulsos os labios:

—Oh! perdão, Pedro! perdão!

E rojou-se de joelhos, como se nos seus olhos, perdidos no vago, o espectro do seu companheiro d'infancia, do seu bom amigo, do seu pobre Pedro, agora lhe surgira e a tomara toda numa labareda de remorso...

—Perdão!...

E olhando em redor da salla, espavorida:

—Tenho medo! tenho medo!... E o Alberto sem vir! Jesus! se eu fosse chamal-o?!... tenho medo!... Que hei-de eu fazer, meu Deus?! que hei-de eu fazer?! Perdoa-me, Pedro! perdoa-me! Amo-te muito! não tiveste culpa! não tiveste culpa! sou uma doida! perdoa-me, Pedro! meu bom Pedro!... E elle não vem!... Alberto! Alberto!... Jesus! sinto uma agonia indizivel!... irei morrer?!... Meu pobre Pedro!... E elle sem vir! e elle não me ouve!... Tenho medo! tenho muito medo! .. Virgem santissima... vale-me tu, ao menos!...

E de braços estendidos, arquejante, uma palidez de morte nas faces, foi cahir soluçante aos pés d'uma Virgem de Murillo que da parede erguia ao Ceu os olhos amorosissimos.

Largo tempo passou numa oração sem palavras, pouco a pouco desvanecido o terror, acalmado o remorso, adormecida a magua... E, mais serena agora, foi sentar-se numa poltrona junto do leito...

—E o Alberto?!... Mas que extraordinaria coisa! Se eu o fosse chamar?... que horas serão?... Deve já ser muito tarde! é extraordinario!... Mas que homem aquelle! que aquillo passa-lhe... ha de-lhe passar! se eu amo-o tanto! se elle ama-me tanto! Ha de-lhe passar...

Quedara-se, de cabeça cahida na almofada, a scismar... a scismar naquelle amor de ambos, na felicidade d'aquelle amor de ambos, de um pelo outro...

E insensivelmente, involuntariamente, irresistivelmente, adormeceu afinal.

*
* * *

Lá fóra, no jardim, outro soliloquio proseguia, mas concentrado, intimo, mudo:—mais tragico portanto. Tormenta surda, um ou outro ecco reboando de longe a longe: uma palavra que lhe escapava dos labios contrahidos, como um vagalhão desencadeado do mar embravecido e que viesse, lá de dentro, lá do fundo, morrer á praia num ronco.

Depois d'um anno de felicidade, de tanta, de tão ineffavel felicidade—se só um para o outro tinham vivido, um mundo á parte elles dois, o amor de ambos a ambos absorvendo na mesma beatitude, arroubando a ambos no mesmo extasis! — depois d'um anno de felicidade assim... aquella catastrophe! aquelle horror! aquillo! — o anniquilamento de tudo! — Porque o era: elle bem sentira logo que o era; que não podia deixar de o ser! Era uma fatalidade; era uma loucura: era... Era tudo isso; era tudo isso; mas era! mas não podia deixar de ser!... Pois, porque a amara elle assim — assim, como elle a amara desde que a vira, desde que a conhecera, desde que a amara, em summa?! Sim: porque a amara elle assim? — Porque era virgem; porque a julgara virgem: mas virgem toda: virgem do corpo, porque ignorava a caricia; virgem do espirito, porque ignorava o mal; virgem do coração, porque ignorava o amor: — virgem toda! assim a sonhara; assim a conhecera; assim a amara. E que feliz elle fôra na illusão de que realisara esse seu sonho — es-

se seu sonho, unico mas supremo, de tantas noites, de tantos annos, da sua vida toda! que feliz elle fôra!... um sonho mais afinal! mas um sonho que lhe matava outro sonho! um sonho que lhe matava a felicidade toda! um sonho que lhe matava todo aquelle amor! Porque sentia—sentia-o bem, por seu mal! —que já não a amava: que já não a amava pelo menos com o mesmo amor com que até ahí a amara!... E a felicidade... Podia elle agora acaso ser feliz com o amor d'ella, vendo-lhe na frente, sempre, a cada hora, a cada olhar, a cada beijo, a cinza d'esse delta d'estrellas que lá lhe vira, que lá lhe sonhara, que, sonhado só, lhe arrebatara olhos, alma e coração num extasis?!... Virgem do coração... Se ella amara o outro!... Uma creança?... e que tinha isso?!... amara-o! Virgem do espirito... E só agora, que o julgava preso, só agora lhe revelara... aquillo!... Uma creancee?... Mas porque só agora lh'o confessara ella?... E por que modo lh'o confessara ella?!... por um descuido — por uma palavra que lhe escapara!.. E a virgindade do corpo... sim, a virgindade do corpo... Eram creanças... amavam-se... Podia elle lá ter a certeza — a certeza certa! a certeza absoluta! de que nem um beijo tivessem trocado... se se amavam! se elle era meigo! não o dissera ella?!... se elle era meigo e tão amigo d'ella?! podia elle agora ser feliz?!...

E, alto agora, num gesto brusco:

— Impossivel! não; não podia ser! era fatal! era irremediavel!

E cahiu de novo num silencio fundo — silencio de poço onde refervessem miasmas; silencio de abysmo onde escabujassem chammass...

Mas, a dentro do peito, lá muito no fundo do coração, continuava, após o naufragio, o sorvedoiro das ultimas reliquias de tudo aquillo que fôra até ahí o seu amor, a sua felicidade, a sua vida! E palido, muito palido, como de ter atravessado o mundo a cuja porta se deixa toda a esperanza, o seu rosto continuava vergado para o chão, com os olhos muito abertos, sempre immoveis, fitos no abysmo — aos seus pés.

*
* *
*

Apagavam-se no ceo as ultimas estrellas. Accordavam as aves nas magnolias em flor. Desabrochavam os lyrios ao orvalho da madrugada. Uma aragem perfumada corria pelo espaço como um beijo de rosas que tivesse azas — como um beijo de almas que se amassem. Espiritual e gloriosa — no virgineo alvor de noiva mystica — a aurora subia nos ceos, extasiando o azul, acariciando o ar, aureolando a terra: um véo de luz d'onde cahissem nenuphares; flores de laranjeira que orvalhassem luz...

Toda a natureza a estremecer d'amor, a trespordar de esperança, a cantar e a sorrir, cheia de ternura e cheia de mocidade...

— Bem! acabou-se!...

E o Alberto fez um esforço para levantar-se. A immobillidade de tantas horas ankilosara-lhe os membros. Firmando a mão na pedra, conseguiu pôr-se a pé: e estremeceu, todo arripiado agora. Estava todo molhado. Estendeu os braços num confrangimento e lançou em roda os olhos amauroticos, sem um clarão...

— Quiz fazer da Vida o Ideal... São incompativeis: o Ideal...

Deu dois passos; estacou de subito; ergueu os olhos; sacudiu os hombros:

— ... é a Morte.

E já na escada:

— Transigir?... eu?!... não; não posso! Ha-de resignar-se. Peor lhe fôra a tortura de todos os dias — o meu inferno que seria o inferno d'ella. E' melhor assim...

Quando, momentos depois, entrou no quarto de Luiza, levava uma carta na mão. Luiza, na mesma posição ainda, os braços estendidos ao longo do corpo, a cabeça cahida na almofada, dormia. A claridade do dia que ia rompendo illuminava-lhe docemente o rosto palido, pondo-lhe em destaque as violetas das palpebras muito fundas...

—O que elle amara aquella mulher!.. o que elle fôra de feliz aquelle anno!...

E clareou-lhe o rosto abatido uma doçura infinita, uma piedade ineffavel.

—Coitada! afinal era d'ella a culpa, se tanta felicidade acabara de todo, para sempre, irremediavelmente?...

E curvou-se para lhe dar um beijo... Seria o ultimo, o da despedida; mas nem por isso menos terno, de menos amor, menos d'alma! de mais alma talvez!—a alma toda nesse beijo que seria o ultimo...

Mas ergueu-se muito tremulo, mais livido ainda, sem lhe ter tocado os labios, com os olhos sombrios e maus muito fitos num pedaço de cartão que do tapete erguia para elle uns olhos francos e bons—os olhos de Pedro, do pobre e querido Pedro, do querido e ditoso Pedro que morrera feliz da felicidade infinita d'um amor ingenuo, sem complicações, sem subtilidades, sem desesperos, sem agonias!

—Elle!...

E deixando cahir no regaço de Luiza a carta de que já se esquecera, tornou a sahir, mas agora resoluta, muito hirto, a passos automaticos, espectral.

*

* * *

Um raio de sol, entrando pela vidraça da janella, veio lambe-la, numa caricia morna e longa, as palpebras de Luiza que sorria agora, talvez num sonho bom, um sonho d'amor e ventura...

A impressão da luz acordou-a. Levou as mãos aos olhos ainda meio adormecida, ainda sorrindo, ainda sonhando talvez, talvez imaginando que aquelle calor que ella sentia nos olhos era o calor d'um beijo e que esse beijo era o Alberto que lh'o dava com os bons-dias, como costumava.

Mas abriu os olhos e, surprehendida, ergueu-se num movimento brusco...

—Pois como fôra aquillo?!... Adormecera ali!... o Alberto não estava!... Como...?!...

E os seus olhos, cahindo no tapete, depararam o retrato de Pedro, o fatal retrato... E subito lembrou-lhe tudo: aquella imprudencia: aquella fatalidade: aquella noite: tudo! E ficou gelada...

Ao lado do retrato estava a carta, que lhe cahira do regaço ao levantar-se: par a par, a causa e o effeito...

—O retrato!... uma carta!...

E, machinalmente, ergueu-a do chão: mirou-a d'ambos lados: não tinha endereço... E, sem ainda bem saber porquê, cerrou-se-lhe o coração numa agonia.

—Uma carta?!... repetiu, agora como tendo adivinhado mas sem querer ainda dar credito aos seus olhos, dar ouvidos ao seu presentimento.

E rasgou precipitadamente o envelope; e com os olhos muito abertos, como se quizesse espancar assim do azul das suas pupillas, agora aridas, como d' aço fundido, as derradeiras nevoas do somno, baixou a cabeça para a folha de papel já desdobrada...

«Não posso: é fatal. Vou-me embora. E'—me impossivel «resignar-me á solidão proxima de amantes que são dois, por-
«que os separa *outro* que morreu... Não posso!... Uma
«loucura; mas uma loucura a que não resisto. Sei que me não
«procurarás:—para que o farias tu?... Matar-me-ia. Amei-
«te: amo-te ainda: amar-te-ei sempre:—e deixo-te; e vou-
«me embora; e digo-te adeus para sempre, para todo o sem-
«pre. Por toda a felicidade verdadeira que me deste e que eu
«prefiro que termine assim a vel-a convertida na felicidade
«fingida que por ventura me pudesses dar ainda de futuro,
«por toda essa felicidade infinita, absoluta—e inolvidavel!—
«obrigado, Luiza: obrigado!

Cahiu-lhe a carta das mãos.

O sol agora illuminava-a toda numa gloria, diademando-lhe a cabeça alcachofrada d'ouro... Fôra, cantava em festa a passarada, espanejando-se, pelos ramos das arvores, numa volupia...

E ella a olhar o chão, a olhar o chão, o rosto marmorizado, cadaverico, impassivel, como de idiota.

Subito levou as mãos á cabeça num repellão : e um grito, um grito intraduzivel, angustiosissimo, fundo, como se a alma nelle se lhe fôra, explodiu-lhe dos labios contrahidos num rictus de loucura . . .

CARLOS DE LEMOS.



ANHELIA



(CONTINUAÇÃO)

*E do Luar a voz enamorada
 Não consegue deter a pobre Anhelina . . .
 Ella lá vai num sonho, como Ophelia
 Quando passa de rosas coroadas . . .*

*Cae do Ceo tão profusa a luz em fio
 Que a terra mal se vê, toda alagada,
 E a floresta parece mergulhada
 Num banho d'oiro e prata como um rio.*

*Sob a onda que vem sempre a crescer
 Do aroma de mil flores, todo o ar
 E' mais forte e mais suave ao respirar
 Do que um vinho espumoso é ao beber.*

As Flores

*Bella flor do Empyreo, com amor formada
 Pelo Amor eterno que a Belleza cria:
 Porque vaes tão triste e assim tão maguada?
 E' a nostalgia d'essa azul morada
 Onde ha sempre cantos, onde é sempre dia?*

*Se é esse o motivo da tua amargura,
 Dos ais que te ouvimos se é esse o segredo,
 Também nós sofreremos igual desventura;
 A mesma ansiedade a nós nos tortura;
 Também nós vivemos aqui num degredo.*

*Cravadas na terra — vê tu que infelizes! —
 Nós feitas p'ra o vôo cravadas na terra!
 Tivemos já aças: e temos... raízes!
 Quem sabe das dores, quem sabe das crises
 Que, como o teu peito, o nosso peito encerra?!*

*Na carne dos lyrios, no sangue das rosas,
 Também uma alma captiva se estorce:
 Por isso é que as Flores assim são nervosas...
 E' que d'outros mundos se sentem saudosas
 E a alma está presa, por mais que se esforce!*

*Por isso vivemos em treva cerrada,
 Que o sol do desterro é um sol sempre fosco:
 Se tu, como nós, és também exilada,
 Do nosso presidio faz tua morada,
 Rainha das Flores! e vive connosco!*

*E vive connosco! tens todo o mais puro
 Dos nossos perfumes, p'ra tuas delicias:
 E, quando lá do Alto vem cahindo o escuro,
 Tens cama de lyrios, e para esconjuro
 De sombras e horrores as nossas caricias!*

Anhelia

*Bem sei o que dizeis... e mais não vos escuto!
 Como casa onde alguém morreu, toda de lucto,*

Tenho a alma tambem fechada a sete chaves :
 Não entra lá o sol ; não cantam lá as aves :
 Nem arvores dão sombra ou bate lá o luar !
 E' um cemiterio : e um corvo nelle a crocitar . . .
 E pois, como é que eu hei-dz, ó! minhas pobres Flores !
 Viver comvosco ou vós viver co'as minhas dores ?
 Se á terra, como vós, comvosco me prendera,
 Todo o meu mal em vosso mal se convertera
 E cá ficára, a mesma sempre, esta negrura :
 — Se o coração cá fica: e é elle quem me tortura ! . . .
 Vosso perfume, outrem que o beba, é ambrosia :
 Fosse eu bebel-o : em rosalgar se tornaria !
 Communica-se a tudo o agror da minha pena :
 Amarga-me na bocca e o sangue me envenena,
 Se acaso a furto o provo, o nectar mais suave :
 — A luz do sol, da rosa o aroma, o canto da ave !
 Não pode ser ! não pode ser ! — Sois infelizes ?
 Mais infeliz sou eu a quem faltam raizes !
 Parar ? ! . . . pudesse-o eu ! . . . mas não : hei de ir avante . . .
 E, ou num areal adusto, ou num jardim fragrante,
 Vá eu para onde fôr, lá vae comigo o tedio . . .
 Ao mal de que me morro em vão busco o remedio !

Falta-me um não sei quê ; ai falta ! mas não sei
 Se isso existe ! e, se existe, onde é que o acharei ? . . .

No ar, que mal se move, extasiado
 O perfume das flores esmorece . . .
 E o Lago, ainda somnambulo, estremece
 Ouvindo aquelle grito angustiado . . .

E todo elle de rosas vae coberto,
 Rosas de luz que o Luar anda esfolhando
 E tantas em seu seio amontoando
 Quê o Lago mais parece um ceo aberto,

O Lago

*Linda peregrina d'olhos desolados :
Teus olhos no espaço que visão procuram ?
Como os pobresinhos estão enganados,
Se pensam que podem, por muito arrojados,
Chegar ás estrellas que no Ceo fulguram !*

*Baixasse-os tu antes lá d'esses castellos
Que vaes construindo no ar... ou na areia!
Baixasse-os tu antes: que, sendo tão bellos,
E' pena gastal-os, é pena perdel-os
Em nuvens de fumo que o Sonho incendeia!*

*Vê tu minhas aguas: não pensam no mar :
Por isso lhes corre, pacifica, a vida...
Mas já as do rio lá vão a chorar,
Por elle attrahidas lá vão a bramar,
Da sêde que as mordê na ancia insoffrida.*

*E quando lá chegam, aquellas que chegam...
No mar se confundem, coitadas! e morrem
Nas fauces do monstro a que as pobres se entregam...
Mas nem assim param, nem assim socegam,
Que então, como sempre, allucinadas correm!*

*Se tu conheceras que grutas de fadas,
Que ricos thesoiros, que lindas quimeras
Se escondem no seio das aguas paradas:
Das aguas de sonho num sonho abysmadas
Que sonhos se abrigam se tu conheceras!*

*E tu sem parares e sempre em gemidos
Lá vaes! não descanças, oh Agua do rio!*

*Co'os braços abertos em cruz estendidos
E os lábios crestados e os olhos erguidos,
P'ra o Mar a correres, oh Fado erradio!...*

Anhelia

*Ficar ahi, ficar ahi á vossa beira
Até que me batesse a hora derradeira,
E fosse emfim dormir por toda a Eternidade,
Oh Aguas-Mortas! fora uma felicidade...
— Aquella p'ra que Deus, que é meu Pae, me fadasse,
Se acaso Deus a mim por filha me tractasse...
Mas Deus deitou-me á Roda: e a Dor, então chegada,
Nos braços me cingiu, vendo-me abandonada,
E ao peito me apertou num abraço tão forte
Que da vida me fez a mais escura morte!
Cantava um rouxinol a dentro do meu peito
Um canto só d'amor e só d'esp'rança feito...
Mas, ao vel-a, fugiu: parou-me o coração...
E na cova do peito — era uma cova!... — então
Veio ella derramar as lagrimas choradas
Por quantas gerações viveram desterradas
D'olhos no Czo como eu, como eu co'os pés na Terra!
E nesta lida eterna e nesta eterna guerra
— Espectro frio, espectro errante, espectro mudo! —
Oíço tudo a acclamar-me, oíço a chamar-me tudo
E eu de tudo a fugir para fugir de mim
Sem saber ao que vou, sem saber ao que vim!...
Aguas-Mortas, adeus! cá vae comigo o tedio...
Ao mal de que me morro em vão busco o remedio!...*

*Falta-me um não sei quê; ai falta! mas não sei
Se isso existe! e, se existe, onde é que o acharei?...*

*E emtanto Anhelias, sob a noite clara,
Alma em pena, lá segue o seu fadario,
Sempre anciado o olhar e sempre vario
Como a onda do mar que nunca pára.*

*Toda a clareira foi atravessando:
Eil-a fóra da selva esplendorosa
E já, na planície mysteriosa,
Os olhos anciados mergulhando . . .*

*Onde irá ella agora assim perdida?
Para onde é que seus passos vão levar-a?
Mas os pés já não podem sustentá-la,
E sobre os joelhos cae desfallecida.*

*No Ceo o azul começa a desbotar
E as estrellas, uma a uma esmorecendo,
Lentamente e uma a uma vão morrendo
E em outros mundos vão resuscitar.*

Anhelias

*Nasci não sei p'ra quê. . . Que faço cá no mundo? !
D'esta existencia amargurada
Qual o motivo? !
Que vale a vida a quem a vive assim, no fundo
D'um fundo poço emparedada,
Como eu a vivo? !*

*Verbo de Deus, que o Sonho cria e a Dor acalma,
Eu te escutei no meu retiro. . .
E foi peor:
A luz do Ceo, fez-se-me treva a dentro d'alma. . .
E a Ave do Sonho, eil-a vampiro
Ao meu calor! . . .*

*Senhor! Senhor! Senhor! eu morro d'esta vida
 Que me consume ondas de sangue,
 Ao coração!
 Andei por toda a terra e não achei guarida:
 Onde me leva, assim exangue,
 A tua mão?!...*

*Ai de mim! ai de mim, Senhor! Onde me levas?
 Na terra toda eu procurei
 A Felicidade:
 E não a achei! e não a achei! só palpei trevas!
 Por tudo quanto eu já penei,
 Senhor, piedade!*

*Jamais um dia bom raiou p'ra mim, jámais!
 Sempre este ardor que me faz frio,
 Como um sudario!
 Ai de mim! ai de mim! eu já não posso mais!
 Dá-me por findo este sombrio,
 Negro fadario!*

*Arranca-me d'aqui a Dor que aqui se encerra:
 Que eu só desejo esta amargura
 Não a sentir!
 Onde é, Senhor! onde é a desejada Terra
 Da Promissão, — da Sepultura?!...
 Quero dormir!*

*O Ceu vai-se aclarando lentamente...
 Já só brilha no Poente a Estrella d'Alva...
 Por um veio cor de rosa e verde malva
 Annuncia-se a Aurora no Oriente.*

A Estrella d'Alva

Toda florida a aurora avança
 O Ceu azul todo a florir...
 E traz no manto a côr da Esp'rança
 Com quem estive antes de vir.

Cabeça erguida ao miradoiro
 Que têm á roda os altos ninhos,
 Bebem cantando o vinho loiro
 Dos risos d'ella — os passarinhos.

E a terra toda, enquanto sente
 O beijo ideal que ella lhe dá,
 Fica-se a olhar para o Oriente
 A ver se o Sol aponta já.

Porque é o Sol por quem espera,
 O Sol que traz luz e calor:
 Porque é o Sol da primavera
 Quem lhe dá vida em seu amor.

Quando elle a beija, aos beijos d'elle...
 Isso então sim! num goso louco
 Ferve-lhe o sangue e á flor da pelle
 'Pra tanta rosa o espaço é pouco...

— Oh peregrina encantadora
 Que ergues ao Ceu teus tristes olhos:
 Abre a tua alma á luz da aurora
 Que até de orvalho enche os abrolhos!

*Não chores mais, que me agonia
Ouvir cá cima os teus clamores:
Segue-se á noite o claro dia...
— Espera o Sol! esperar as Flores!*

*Não vês a Terra? olha como ella
De joelhos faz o acto de fé!
Em breve o Sol ha-de aquecel-a...
— Faz como a Terra, espera e cre!...*

Anhelia

*Esperar! esperar! mas esperar o quê?..
Já não posso esperar; já não posso ter fé...
O Ceo é mudo, a Terra é muda, tudo
Ao meu clamor é mudo!*

*Em que é que hei-de ter fé? o que é que hei-de esperar?
Que tambem para mim o Sol venha a raiar?
Mas aonde, se tudo é escuro, aonde
E' que elle, então, se esconde?...*

*Esperar... mas o quê, se a Terra, que era boa,
Está como interdicta?! o vento sul mirrou-a...
Quem a minha Alma lavra é a Dor, é a Dor...
Sinistro cavador!*

*As flores da Tristeza ali crescem a rodo...
Regadas com meu pranto enchem o espaço todo...
E assim, como é que a Terra dar podia
As flores da Alegria?!*

*Não pode ser ! não pode ser ! é tudo inutil !
Por mais que o braço estenda a uma esperança futil
Foge-me sempre : e eu sou como no mar
Um barco a naufragar.*

*Mas, se ainda do naufragio eu posso ver-me salva,
Vozes do Ceo, vozes da Terra, Estrella d'Alva,
Vós, tudo que me diz que tenha fé,
Dizei, dizei-me em que!*

*A Estrella d'Alva já no azul é morta ;
O Oriente parece oiro inflammado . . .
E Anhelía, o rosto erguido, o olhar parado,
Olha a distancia, como á espera, absorta.*

*O Sol, que chega enfim, envolve-a toda
Num manto d'oiro precioso e brando . . .
Vem todo em gloria, como Christo quando
Fez outrora o milagre numa boda.*

*E, como em extase, um epebo loiro
Para ella caminha lentamente . . .
Põe-lhe uma estrella d'oiro o Sol nascente
Sobre o diadema dos cabellos d'oiro.*

*E Anhelía, como em extase tambem,
Para elle lentamente se encaminha . . .
. . . E agora o Ceu da Terra se avizinha
E a Terra se ergue ao Ceu — p'ra vel-os bem !*

O ephebo

Eu vim ao teu encontro...

Anhelia

Ao teu encontro eu vim!

Ambos

*Fez-nos Deus um para o outro:
Eu p'ra ti e tu p'ra mim!*

(Conclue no proximo numero).

BEATRIZ PINHEIRO.



Infelizes



De ANNA DE CASTRO OSORIO



m recolho de pequenas historias formando um elegante volume, numa bella edição da casa Libanio & Cunha este primeiro livro de Anna de Castro Osorio.

Apenas conheciamos a auctora, ao tempo que o lemos, da encantadora revista *Para as creanças*; e, se muito a consideravamos já como escriptora, forçoso é confessar que este livro vem confirmar o nosso juizo e augmentar ainda, se possível é, a consideração que já nos merecia.

Porque essa infantil revistinha, que á primeira vista parece uma coisa muito facil de escrever, nem todos a logriam apresentar pela maneira como Anna de Castro Osorio o faz: isto é, tornando nella a sua alta intelligencia tão accessivel ás rudimentares intelligencias dos seus pequeninos leitores, e dando ao seu estylo aquella extrema simplicidade que ella consegue dar-lhe, sem todavia elle perder do seu encanto e da sua delicadesa.

E por isso eu vou enthesoirando amorosamente, todos os mezes, esses pequeninos fasciculos, para quando o meu filho, que ora ensaia os primeiros passos, souber decifrar *as pequeninas lettras negras*, ensinando-lhe então, com a sua leitura, a venerar o nome da sua auctora.

Porque é forçosamente uma alma superior a que tão bem soube comprehendêr essa necessidade de praser intellectual que se faz sentir na creança como no homem, — que tão bem soube comprehendê-la e, o que é mais, que tão bem soube satisfazer-lh'a na medida que mais convinha aos seus pequeninos espiritos e mais de molde era a deleital-os.

E pois, vindo para mim com a gratidão das creanças a recommendal-a, não podia Anna de Castro Osorio deixar de ter largos direitos á minha admiração e consideração como escriptora ; mas, ainda assim, com muito praser o confesso aqui, não foi sem uma grande surpresa que levei ao cabo a leitura do seu livro.

Põe-lhe a auctora o sub-titulo de *Historias vividas* : e são, e devem ter sido realmente vividas todas aquellas historias : tão flagrante é a verdade artistica de todas as suas figuras, que são gente que todos nós conhecemos e a quem todos nós dispensamos, mais ou menos, um pouco da nossa estima, da nossa admiração e da nossa compaixão.

Quem não conhece um *Doutor Mendes*, sem, ou mesmo com as suas tres irmãs, um *Tio Antonio Barreiros*, uma *Victoria*, e ainda esse bello typo de mulher que, na sua adoração pelas filhas, chega a roubar para as ver contentes e felizes, voltando depois á sua primitiva fidelidade quando ellas a abandonam para seguirem uma vida deshonesta, — d'essa pobre mulher que chega ao fim dos seus dias na ingenua esperança de que as suas filhas hão-de casar com os homens que as sustentam e vir a ser muito consideradas e muito felizes ?

E todos estes typos a auctora os copiou da realidade para o papel, onde vivem, com uma rigorosa expressão de verdade, com uma fidelidade absoluta, e isto rapidamente, em dois traços, o que mais impressiona e mais é para admirar.

E é esta uma das principaes qualidades de escriptora que Anna de Castro Osorio nos revela possuir com este seu trabalho : — a de ver bem, e bem nos vir dizer, depois, o que viu, e como viu.

A maneira por que nol-o diz — justamente a mais adequada aos themas escolhidos, — a naturalidade sem esforço e a simplicidade despida de todo o artificio com que nos vae copiando para o papel o que pensa e o que sente, á medida que esses pensamentos se vão succedendo no seu cerebro e esses sentimentos vão aflorando no seu coração, não é certamente o que menos resalta na sua obra.

O estylo deriva-lhe rapido e fugidio, macio e leve como uma aza de andorinha, deixando-nos na alma uma vaga tristeza e uma vaga saudade, saudade não sei de quê, talvez d'outros paizes e d'outros climas . . .

Porquê? O segredo do caso está talvez no final d'aquella ultima historia do seu livro, *Sombras*, uma das que eu prefiro, em que a auctora, diante d'uma antiga carta de familia, vae divagando melancolicamente e em certo ponto diz: «Pobre pequena carta que eu guardarei eternamente — a lembrar as vagas, esparsas tristezas de exilada que me andam na alma . . .»

E isto prova-nos que Anna de Castro Osorio sabe afinar pela sua a alma do leitor e fazel-a vibrar unisona com o seu proprio sentir, qualidades estas que só um verdadeiro artista logra attingir: mas, por sem duvida que o é, quem nos dá paginas d'uma arte tão fina como as d'essa historia a que já me referi, *Sombras*, e as d'essa outra de não menos valor — *A terra*.

Nas *Sombras*, para exemplo, esta pagina em que os olhos me cahiram agora, cheia de suggestão e adoravel de singeleza e d'impressionismo :

«Uma noite ella dormia serena, junto do marido, quando uma voz a chamou de manso . . . Como não acordasse de todo, julgando-se a sonhar, — tres pancadas dadas muito de leve na cama despertaram-na completamente.

«Era ella, a irmã muito querida, n'uma sombra suave, que não assustava ninguem. Sentava-se-lhe á cabeceira, sorria, dizia-lhe numa caricia de voz ciciada: — «Cumpro a minha promessa, venho despedir-me! . . .» — «E muito baixo, com uma infinita magua de mãe: — «Ah, custa-me muito deixar a minha Julianna! E' a mais nova... E não lh'a poder entregar!...» — Levantando-se, desvaneceu-se silenciosamente, num raio de luar que vinha pela janella mal fechada.

«Ella olhava, olhava ainda, procurando na solidão do quarto a imagem da irmã, que lhe apparecia tal qual era e tão differente do que fôra! Só a voz era a mesma. De resto — quasi a não poderia reconhecer nessa ligeira sombra vestida á moda do tempo; tão differente d'aquella em que a deixara: a cinta muito comprida, a saia de largo batão, o *fechu* de rendas que acenhegava com a mão esguia, muito fina, ao pescoço nu!

«Era ella, bem certo que era ella!... A cor do vestido ficou-lhe bem nitida na memoria — azul pallido, quasi prateado...

E como contraste, esta outra de *A terra* que nos dá, numa sensação arripiante, o apego desvairado, a cegueira, a monomania do pobre Manuel pela terra ingrata que lhe gasta as forças do corpo e as forças do espirito, até por fim ir procurar no fundo d'essa agua cuja reluctancia em apparecer o allucinara, a mortalha onde esquecesse para sempre a revoltante ingratidão da terra inexoravel:

•Trabalhava desde que o sol vinha, irrompente, até que se escondia nos poentes gloriosos dos dias longos do estio. No inverno apanhava a pé firme as chuvas, a neve, o vento e o frio. Era um labutar sem descanso, e ella, a ingrata, pagava-lhe com umas anemicas paveias de centeio, que ondeavam pallidamente, mostrando a terra branca de seixos, como dentes des-carnados de rapariga tysica. Elle mesmo assim a adorava, a essa belguita que ia fazendo com o seu trabalho, regando com o suor do seu rosto. Em metade plantou um bacello, mas a uva não amadurava: deu-lhe um vinho *palhete* muito leve, muito agradável, mas para vender era uma desgraça — nenhum negociante lhe pegava. E no entanto elle amava-a como se fosse uma mulher formosa, sempre prompta a pagar-lhe em sorrisos os cuidados de que a rodeava.

«O que lhe falta é só agua, — dizia elle sombriamente — o mais é uma terra nova, boa de lei. E continuava a revolver-a com a ansia de quem procura thesouros. Vinham homens entendidos, os *védores*, ensinar o bom sitio para fazer os poços, mas tinha que os entulhar logo, quasi desanimado. Agua, onde é que ella apparecia alli?! Só a tal profundidade, que era absurdo pensar nisso.

•E o povo a rir, a rir perdidamente do desgraçado!...

Digam-nos se não veem ali o cunho d'uma verdadeira alma de artista e, mais ainda, d'uma alma de verdadeiro poeta, fina e delicadamente sensível, muito embora Anna de Castro Osorio só em prosa escreva, que eu saiba.

E esta mesma compaixão que a leva a preferir as creaturas desgraçadas, as almas inferiores, os infelizes, em summa, para assumpto de suas narrativas, vem-nos dizer tambem dos bellos predicados da sua alma de mulher, cuja caracteristica é a ternura.

Mas não é verdade que *l'art c'est de la tendresse*, como affirmou Guyau que, alem de philosopho e critico, era tambem um verdadeiro artista?...

E agora as minhas preferencias. Antes, porem, um ligeiro reparo, insignificante, realmente, e talvez motivado só na differença da minha maneira de ver e de sentir a tal respeito.

Na primeira das narrativas, *Desoito annos*, em que prepassa aquelle lindo vulto da *Tia Clara*, após o qual parece evoluar-se um vago aroma de rosas murchas, — encantadora a descripção da *fuga aos francezes*, pouco a pouco transformada num passeio em que ha todo o imprevisto, todo o pittoresco que em nossos dias esperar pudera um *touriste* que viajasse por descampados de serra.

E esta circumstancia, que a quem veja de leve pode parecer menos verdadeira, está, pelo contrario, bem de accordo com a indole da alma portugueza, a qual, passada a primeira impressão de terror, e uma vez que já o perigo a não ameaça de perto, logo volta ao primitivo socego, ou antes, apathia, á primitiva indolencia de deixar correr as coisas — *a ver...* — a esse estado de quasi inconsciente expectativa do desfecho... *que ha-de ser o que Deus quizer!*

Mas agora — e aqui está o que eu não posso comprehender... — como é que esse terror, que vae sempre diminuindo a quasi desaparecer de todo por fim, como é que esse terror vae suffocar numa alma de mãe a dor insuffocavel pela morte do filho, a ponto de ser ella propria quem diz egoistamente, numa insensibilidade que se não justifica: — «Que não chorassem; era preciso fugir, fugir, fugir sempre: «*Os francezes, os francezes!*...»

O terror, o terror então no seu auge, seccando-lhe as lagrimas nos olhos, pois lhe cerrara o coração á dor... Muito

bem: mas nesse caso como é que, d'ahi por pouco, essa mãe, que o terror insensibilisa, esquece o perigo e,—toda abnegação agora—fica numa aldeola com o sogro, quasi um extranho, a quem a velhice não deixa ir mais longe, certamente que apiedada da miseria do infeliz?

Todavia é este um ligeiro senão que talvez só avulte aos meus olhos fetichistas de mãe, a quem a só apprehensão da morte do filho sobreleva a todos os terrores d'este mundo.

E seguem as preferencias—se bem que todas essas lindas narrativas sejam, sem excepção, fina e amorosamente trabalhadas: como desenho de typos, *Tio Barreiros*, *Solteirão*, *Cumulo e Victoria*; como estudo d'almas, *Algarve*, *Bretan*, *A terra e Sombras*, com que o volume fecha e que é, a meu ver, talvez a melhor de todas.

E, pois que me falta espaço para mais, concluirei dizendo que é o livro *Infelizes* uma estreia tal que, d'um salto, colloca a sua auctora a par dos que melhor escrevem a prosa portugueza: caso este tanto mais para festejar quanto é certo que, nesta nossa lusa terra, poucas são as damas que se entregam ao cultivo das lettras, e menos ainda as que, como Anna de Castro Osorio, cultivando-as, o fazem com tanto lustre e distincção, enriquecendo a nossa litteratura com livros que, como o *Infelizes*, são verdadeiras joias d'arte,—diamantes da mais pura agua.

BEATRIZ PINHEIRO.



NAUFRAGO



Versos Lusitanos de Affonso Lopes-Vieira



ersos lusitanos: tal o subtítulo; e raros serão hoje os volumes de versos a que com mais justiça caber pudera:— lusitanos, lusitanísimos, na ideia e na forma: o que á primeira vista parecera pretensão, vê-se, depois de lidas aquellas paginas, que foi simplesmente perfeita consciencia, por parte do autor, do que o seu livro era e do que sobretudo o caracterisava.

E? pois, um livro subordinado a uma ideia preconcebida?

Não: nem o Lopes-Vieira como tal o apresenta, elle que na primeira pagina do *Naufrago* copia de novo, como synthetizando a sua norma de poeta, aquellas palavras de Garrett que já se liam na primeira pagina do — *Para quê?* —:

«Isto pensava, isto escrevo; isto tinha na alma, isto vae no papel: que d'outro modo não sei escrever.

E por não saber escrever d'outro modo é que, escrevendo só o que sentia e o que pensava, e conforme e á medida que o ia sentindo e pensando, nos deu, ao fim, com o seu livro, não já a sua alma apenas, apenas o seu sonho, a sua saudade, a sua tristeza, o seu exilio, o seu *naufragio* em summa — que tudo isso afinal, com ser já muito, era d'esperar — mas, e é isto o que maravilha, a Alma-Portugueza — o sonho, a saudade, a tristeza, o exilio, o *naufragio* em summa do Portugal de hoje com os olhos voltados para o Passado, de

tão escuro que se lhe antolha o Presente e o Futuro ainda mais escuro.

Disse que é isto o que maravilha: — a quem o não tenha lido, acrescento eu ainda. A quem o não tenha lido, porque a quem o ler, dá-lhe o poeta, em mais d'uma pagina, a razão do prodigio.

E logo na *Dedicatória* :

«Moços de Portugal, neste livro heis-de achar

«Alguma coisa que sentissem algum dia :

«Gloria perdida, sonho alto, alma a penar. . .

«E o grande amor da nossa Terra o alumia.

.....

«Livro que eu fiz de minhas fomes, minhas sêdes,

«Dizei-o ás ondas, que ellas o entenderão. . .

.....

«Porque nós somos igualmente naufragados,

«Sonhando Indias, e morrendo ao dar em sêcco !

.....

«A vós, o livro que nasceu dos desenganos

«De quem sonhou com o Mar e quiz ser Portugueza. . .

*

* *

O verdadeiro poeta é aquelle em cuja alma vibram, unisonos com os proprios desalentos ou enthusiasmos, os enthusiasmos ou os desalentos d'uma epocha ou d'uma sociedade.

Por isso Lopes-Vieira tem todo o direito a como tal ser considerado : que na sua alma viveram e vivendo ficam nos seus versos os desalentos e nostalgias do nosso tempo, os desalentos e nostalgias do nosso povó. D'ahi o ser todo este livro repassado d'uma infinita tristeza que faz mal, mas com que se sympathisa, apesar de tudo : porque a tristesa do livro é bem a tristeza do poeta e é bem, ainda, a nossa propria tristeza — de todos nós, geração retardada ou despaisada e,

por despaisada ou retardada, geração de falhos, — de naufragos.

«Fui dado á luz em terra portugueza,
 «Sou d'um Povo do mar que canta o fado :
 «E d'ahi vem meu mal, minha tristesa,
 «Vinte annos velhos, todo o meu cuidado !

 «Somos navegadores e cavalleiros
 «Sem mar, sem fé, sem braços p'ra uma espada,
 «Somos os d'hoje, os ultimos, os nada.

 «Todos vamos soffrendo a mesma dor,
 «E morremos tambem do mesmo mal...

 «Vêde, Senhor : n'aquillo que hoje dêmos,
 «Expatriados na terra em que nascemos...

E depois de, na composição *Portuguez d'Hoje*, que segue á Dedicatória, nos ter assim orientado, predisposto, preparado, — o poeta vae-nos então contando as suas melancholias a dizerem com as melancholias da paysagem (*Da minha janella*); o fatalismo da nossa raça evocado pelas vibrações chorosas da nossa musica predilecta (*O Fado*); a nossa ancia de ver terras e o nosso sonho de riquezas (*Para o Brazil*); o grande sonho de Portugal e o seu irremediavel naufragio (*As Naus*); a identificação da sorte de todos nós com a sorte dos engeitados (*Expostos*); a crença d'outras eras a contrastar com o scepticismo iconoclasta dos nossos tempos (*A Senhora do Mar ou das Ondas*); e as nobres e as encantadoras figuras da nossa historia — Vasco da Gama, Magriço, Bernardim Ribeyro, Velloso — para rematar com aquelle soneto *Raça de Naufragos* :

«Corpos sem alma, que ficou esquecida
 «Longe de nós, por esse Mundo fóra

- «A deixamos aos poucos repartida.
 «Que faremos, Senhor? Para onde ir?
 «Que havemos todos de fazer agora
 «Se não temos o Mar p'ra descobrir?

Comprehendem agora por que eu disse que este livro nos dava, com a alma do Poeta, a alma portugueza, a alma lusitana?

Mas ainda — estava em acrescentar: e principalmente... — nas lyricas amorosas esta consubstanciação da alma do poeta com a alma do nosso povo resalta evidentissima: — na profundez do sentir e na singelleza do dizer; nos motivos que procura e nas coisas que suggere; nas imagens e modismos que emprega e no sabor quinhentista d'essas adoraveis redondilhas em que o poeta nos diz a amargura do apartamento (*Do poeta a uma Senhora de quem se apartava*); o conflicto de dois amores (*Vilancete do poeta a duas senhoras*); as tristezas da auzencia (*Carta*); e, finalmente, o naufragio de toda a esperanza naquella esplendida composição que, para em tudo nos lembrar a *Crisfal* e as *Saudades*, até em forma de *Egloga* — e que linda Egloga! — o poeta a escreveu...

Vejam como o poeta abre a sua *Carta*:

- «Escrevo-vos sem saber
 «Se aonde estaes chegarão
 «Letras que vou escrever
 «Num papel, que ha de tremer
 «Se estiver em vossa mão.
 «Se com olhos apiadados
 «Esta minha carta lêrdes,
 «Para bem dos meus cuidados
 «Tereis os olhos molhados,
 «E por baixo da agoa, verdes...

E vejam como na *Egloga* falla *Faonso*, depois que d'elle se apartaram *Alpinto* e *Loscar* :

«Nunca assim viveu ninguem
 «Num desconcerto igual ;
 «Mas a culpa de mim vem :
 «Apartei-me do meu bem,
 «Corri atraz do meu mal.
 «O' tristeza de perder-se
 «Um grande bem que se tinha ;
 «O' tristeza de viver-se,
 «O' tristeza de morrer-se,
 «O' grande tristeza minha !

Um encanto ; não é verdade ?

*
 * *
 *

Ao critico impunha-se-lhe agora a obrigação de apontar, aqui ou ali, influencias, se bem que leves — de Antonio Nobre, (*Portuguez d'hoje*, *Da minha janella* e *O medo dos campos*, que são aliás bellas composições); de Cesario Verde (*Carta ao Alberto* que é uma bella composição tambem, mas a destoar de todas as outras); e de Guerra Junqueiro (*Para o Brazil* e *Naus*, que são em todo o caso, a ultima sobretudo, composições dignas de serem collocadas a par das melhores); e ainda, e principalmente, uma tal ou qual incuria, eu sei que consciente, que talvez propositada mesmo, mas nem por isso justificada, quanto á metrificacão, como seja um ou outro verso errado mesmo nas redondilhas, uns alexandrinos á João Penha que não me parecem merecedores de grandes sympathias e aquella rima absurda da 3.^a quadra da composição *Morrer moço!* que é uma belleza—mesmo com aquelle senão: impunha-se-lhe esta obrigação ao critico; a mim não, que não sou critico, nem estas linhas são mais que uma ligeira impressão colhida na leitura do volume.

Demais, Affonso Lopes-Vieira sabe bem o que faz e por que o faz; e por ventura o que ao critico pareça defeito o não seja aos olhos d'elle: e depois, nesta derrocada em que vamos de velhas theorias e de preceitos rançosos, quem sabe mesmo se eu não estarei dando attestado da minha incompetencia para julgar, eu que assim protesto pelo alexandrino cesurado e pelo verso septissyllabo com sete syllabas bem contadas?

Do que eu estou certo é de que, se Lopes-Vieira se persuadir de que taes defeitos são realmente defeitos, o seu proximo livro ha-de forçosamente vir isento d'elles: garante-nol-o o extraordinario passo que vae do *Para quê* — que foi uma brilhante estreia, onde havia verdadeiros primores como aquella lyrica *A Fonte do Amor* e aquelles sonetos *A Dôr das Paysagens* e *Saudades* — ao *Naufraço* que é uma confirmação de todas quantas esperanças aquelle nos dera — e mais e muito mais ainda!

D'ahi tambem a impaciencia com que lhe comecei a leitura, o entusiasmo com que lhe fui saboreando as paginas, a surpresa, a extraordinaria surpresa com que lhe cheguei ao fim — e a satisfação plenissima com que lhe saúdo o apparecimento e a admiração affectuosissima com que abraço o auctor.

CARLOS DE LEMOS.



OS LUSOPHILOS



ntes de concluir a resenha iniciada sob esta epigraphe no 1.º fasciculo, — conclusão que, á mingua d'espaco, ficará para o proximo fasciculo — vou aproveitar esta secção para fallar dos dois livros de que dei noticia em post-scriptum: são elles, pela ordem da sua recepção, os *Sonetti Completi* do illustre poeta siciliano sr. Thomazo Cannizzaro e os *Mis Amores* do illustrado Lente da Universidade de Oviêdo e notavel escriptor, auctor do volume de alta critica *De Historia y Arte*, o sr. D. Rafael Altamira.

*
* *

Sonetti Completi: — Disse eu que era *uma edição dos sonetos de Anthero, como não temos em portuguez*. Para que não tomem á conta de lisonja este meu dicto os que não conhecem o volume; ahi vae a prova.

Os *Soneti Completi* abrem com uma introduccão de cento e tantas paginas comprehendendo *Dedicatoria, Advertencia, Traços-biographicos* (Preliminares; A familia; Nascimento, educação, vida d'estudante; Allocução ao principe Humberto de Saboia; Publicações; Questão-Coimbrã; Vida politica; A morte; O Homem; O Poeta; O philosopho; Conclusão) e

Na morte de Anthero (A Elegia de J. de Araujo, cinco sonetos do Editor, dos quaes dois a O. Martins, um a W. Storck, outro a E. Tesa e o ultimo a J. de Araujo; um soneto de W. Storck; os tres sonetos de M. Duarte d'Almeida; e o epitaphio *No tumulo de Anthero* de João de Deus). Seguem 120 paginas com a traducção de todos os *Sonetos* de Anthero; e fecham o volume mais dusesntas e tantas paginas comprehendendo a *Introdução da edição portugueza* com a traducção das poesias *Os captivos, os vencidos, Entre sombras, Hymno da Manhã, Fada Negra*; a *Carta autobiographica* de Anthero a W. Storck; *Outros Versos* de Anthero; *Cartas Ineditas* de Anthero ao sr. T. Cannizzaro (de 1883 a 1889); *Noticia Bibliographica*; *Brasão e arvore Genealogica* da familia de Anthero; *Noticia Genealogica* da familia Novaes; *Noticia* da familia de Quental e *Arvore Genealogica* da familia da Ponte. — Ao todo um volume de perto de quinhentas paginas.

Da consciencia e cuidado na parte informativa, basta dizer que o sr. T. Cannizzaro se valeu de quanto ha publicado sobre Anthero; da delicadesa e primor da traducção, superfluo fôra addusir argumentos: o sr. T. Cannizzaro é um nobre poeta: e para comprehender e, mais ainda, para traduzir um poeta superior, como foi Anthero de Quental, só um superior poeta como é o notavel poeta de Messina.

*

* *

Mis Amores: — Primorosa e fidelissima traducção para hespanhol dos deliciosos (é o termo justo, não é verdade?) dos deliciosos contos *Os meus amores* do magistral contista que se chama Trindade Coelho. Precede-a uma interessantissima *Advertencia preliminar* do traductor d'onde pedimos venia para transcrever as seguintes linhas:

«El autor de *Os meus amores*, Trindade Coelho (decia yo entonces), nos dá, artisticamente fundido, el *sabor de sua tier-ruca*. A veces, recuerda la gracia satirica y la emocion cari-

ñosa de Narciso Oller, á veces el donaire y naturalidad de Pereda; y ha momentos em que llega á un grado de perfeccion y habilidad tales en la pintura, que solo cabe compararlo com nuestros mejores *costumbristas* de otros tiempos.»

De resto, o volume, engalanado de primorosas e profusas illustrações por Luiz Garcia Sampedro, é um encanto de bibliographia, como todos os editorados pelo Livreiro de Barcelona, D. Juan Gili.

E, pois que o nome do auctor e o do traductor bastam a garantir o altissimo valor do volume que tanto enriquece as Letras Hespanholas quanto honra as Letras Portuguesas, ponho de parte tudo o que em elogio do livro fôra de toda a justiça e meu gratissimo empenho aqui escrever — para me associar, e de bom grado tambem, á generosa e justissima propaganda da bella e rica litteratura hespanhola contemporanea, iniciada por Ch. A. Hysson nos *Echos* da Tribuna, 5.º numero.

Realmente é uma vergonha isto de termos os olhos só e sempre voltados para a França d'onde por vezes nos vem tanta litteratura avariada e derrancada, feita como de encomenda para desorientar e quanta vez inutilisar de todo o espirito dos nossos escriptores novos, e nem sequer uma vez, por excepção, nos mover a curiosidade a procurar saber o que se passa ali na Hespanha, nossa visinha e nossa irmã, onde muitos e altos espiritos vão vasando em obras de subido merito e sentimentos e ideias tão em harmonia com as nossas ideias e sentimentos. De passagem aponto:

—Romancistas: — Perez Galdós, P. Antonio de Alarcon, J. Maria de Pereda, Juan Valera, P. Coloma, Emilio Pardo Basan e outros;

— Poetas: — Campoamor, G. Nuñez de Arce, Vital Aza, Matheu, Jacinto Verdaguer;

— Criticos: — Rafael Altamira, D. Thebussem, Menendez Pelayo, Fernan Caballero e outros.

E para rematar, o seguinte:

As obras dos escriptores supra citados e de outros, cujo

nome não cito para não alongar mais este artigo, bem como todos os tomos da formosissima *Collecion Elzevir Illustrada* (Editor, D. Juan Gili, Cortes, 223, Barcelona) estarão dentro em pouco á venda na *Antiga Livraria Bertand* de José Bastos, ao Chiado, e na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio — Lisboa. Para Hespanha, pedidos ao livreiro-editor D. Juan Gili, Cortes, 223, Barcelona.

REGISTO BIBLIOGRAPHICO

Arte—*Os livros do senhor Alberto Pinheiro*:—Reunidos em plaquetta (edição da SPHINX), os artigos de fina critica e delicada polemica que o recente livro *Uma tragedia na provincia* —um bello romance que é tambem um auspicioso estudo de psychologia —do moço, mas já illustre escriptor, Alberto Pinheiro, suscitou a dois admiradores seus, Paulo Osorio e Julio de Lemos, dois esforçados Campeões que nas lides litterarias já ganharam as suas esporas-d'oiro, aquelle na *Alvorada*, na *Myosotis* este. Ambos applaudindo de mãos dadas, entusiasticamente, o romance *Uma tragedia na provincia*, discrepam todavia um do outro no juizo acerca do *Alva* — estreia de Alberto Pinheiro que Julio de Lemos considera, e com razão, «um fino prazer d'arte» e que Paulo Osorio considera, e com razão tambem, «uma obra de arte para raros»... Nem nas duas opiniões ha incompatibilidade —a nosso ver pelo menos...

Pois sendo, como realmente é, uma *obra de arte para raros*, não poderá ser tambem o *Alva* um *fino prazer d'arte*... para raros ao menos?

O proprio Paulo Osorio conclue assim:— «Que, afinal, no seu fundamento as nossas opiniões nada têm de principal que as aparte...»

Será todavia preciso dizer ainda que, sem termos em me-

nos consideração o talento de Julio de Lemos, festejamos, com Paulo Osorio, a nova orientação de Aloerto Pinheiro para uma arte largamente humana e, mais ainda, desassombradamente social? . . .

*

Almanack do Seculo: — Um bello volume com variadas e utilissimas informações e abundante e valiosa collaboração litteraria: a destacar — um artigo do illustre critico sr. Teixeira Bastos *Os novos e a litteratura portugueza* e outro *Lettras Portuguezas* do distincto poeta Delfim Guimarães que fecha o volume com chave d'oiro.

E a proposito: no artigo do sr. Teixeira Bastos vem o meu retrato, porque Delfim Guimarães para esse artigo m'o pediu em carta de agosto do anno findo: isto, porque quem me não conheça, podel-o-ia considerar um intruso, por lá se não fallar nem de mim nem de versos meus.

Proposito? — Quero crer que não, porquanto da *Georgica* que, por lembrança de Delfim Guimarães, enviei ao sr. Teixeira Bastos, veio apreciação no *Seculo*, pouco depois. Prefiro suppôr (e tenho para isso motivos. . .) que o sr. Teixeira Bastos não quiz reproduzir, em artigo firmado com o seu nome (*nobless? oblige. . .*) censuras que eu repellira e ideias que eu combatera já em artigo publicado em varios numeros da *Tarde*. Seria isso? — E, que não fosse, se alguma coisa me incommoda, é o desgosto que deve ter sentido o meu bom amigo Delfim Guimarães a quem agradeço, penhorado, a finessa da offerta.

*

Dos outros livros recebidos daremos noticia no proprio fasciculo, por falta do espaço neste: motivo por que tambem não damos d'esta vez as secções *Artes e Lettras* e *Revista das Revistas*: do que pedimos desculpa.

No proximo fasciculo daremos apreciação das *Saudades do Céu* de Eugenio de Castro, a quem muito agradecemos a gentileza e amabilidade da offerta.

CARLOS DE LEMOS.